

## Artigo

# **A pandemia da COVID-19: implicações entre a degradação ambiental, neoliberalismo e os movimentos de acumulação do capital**

Alexandre Silveira Vergara\*

### **Resumo**

O artigo problematiza a pandemia da COVID-19, não como um episódio sanitário isolado conforme repetido *ad nauseam* pelos meios de comunicação de ideário neoliberal. E sim, como parte de um cenário global de novas doenças zoonóticas irrompidas no último meio século. Argumenta-se que as causas estão relacionadas ao modelo de produção vigente, particularmente em sua versão financeiro-rentista, viabilizada pela difusão de uma racionalidade neoliberal generalizada, conforme Pierre Bourdieu. O relatório do *Environment Programme* da ONU indica que práticas antrópicas utilitaristas têm impactado desastrosamente o meio ambiente. A metodologia empregada consistiu em revisão bibliográfica no âmbito das ciências sociais sobre neoliberalismo, contextualizada por leituras de noticiários do atual momento pandêmico e da teoria da acumulação capitalista de Karl Marx. A partir do arcabouço teórico-epistemológico, conclui-se que o reiterado discurso dicotômico entre salvar vidas ou a economia, coaduna com o projeto hegemônico de crescimento econômico ilimitado promovido pela falsa divisão liberal entre as esferas: mercado, sociedade e natureza, permitindo desconsiderarem-se os ciclos de reprodução da vida, infligindo mazelas ao corpo social planetário, como o materializado no contexto da nova pandemia, em vista da manutenção de um fluxo histórico permanente de reprodução e acumulação do capital.

**Palavras-chave:** Capitalismo financeiro-rentista. Degradação ambiental. Neoliberalismo. Pandemia da Covid-19.

### ***The COVID-19 pandemic: implications among environmental degradation, neoliberalism and capital accumulation movements***

#### **Abstract**

*This article problematizes the pandemic of COVID-19, not as an isolated sanitary episode, as repeated ad nauseam by the media of neoliberal ideas. but as part of a global scenario of new zoonotic diseases that broke out in the last half century. It is argued that the causes are related to the current production model, particularly in its financial-rentier version, made possible by the spread of a generalized neoliberal rationality, according to Pierre Bourdieu. The UN Environment Program report indicates that anthropic utilitarian practices have disastrously impacted the environment. The methodology used consisted in a bibliographic review in the scope of social sciences about neoliberalism, contextualized by readings of news reports of the current pandemic moment and in Karl Marx's capitalist accumulation theory. From the theoretical-epistemological framework, it is concluded that the repeated dichotomous discourse between saving lives or the economy, is consistent with the*

*hegemonic project of unlimited economic growth, promoted by the false liberal division among the spheres: market, society and nature, allowing to disregard the cycles of reproduction of life, inflicting ills on the planetary social body, such as that materialized in the context of the new pandemic, in view of the maintenance of a permanent historical flow of capital reproduction and accumulation.*

**Keywords:** *Financial-rentist capitalism. Ambiental degradation. Neoliberalism. Covid-19 Pandemic.*

\* Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFPel). Mestre e doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPel).

Com o processo de aprofundamento da mundialização econômica, iniciado na década de 1990, o capital superou barreiras transnacionais, rompeu com antigos entraves comerciais, tornou-se livre para migrar e aportar em diferentes mercados do globo, na busca das condições mais favoráveis à sua reprodução e acumulação. A China, com a atual segunda maior economia do planeta, aproveitando-se da conjuntura internacional à época, oportunizou o cenário ideal, tornando-se o maior receptor de investimentos estrangeiros no mundo, ainda no princípio deste século, e principal rival política dos Estados Unidos da América, no governo do presidente Donald John Trump.

Nem o contexto de crise econômica e de saúde na pandemia do novo vírus SARS-COV-2, que recaiu sobre grande parte dos países do globo, foi capaz de dar trégua à disputa político-econômica entre as duas principais potências. Pelo contrário, mirando seu projeto político de reeleição, o então presidente dos Estados Unidos da América “sonhou em fazer a América grande novamente”, mesmo diante do cenário calamitoso, instaurado pela COVID-19. Donald J. Trump, utilizando-se de seu habitual expediente de divulgação de mentiras, promoveu outra: a de que o vírus, denominado por ele de “vírus chinês”, teria sido criado deliberadamente, em um laboratório na cidade de Wuhan, no território daquele país, com o objetivo de gerar uma crise econômica sem precedentes às economias ocidentais. Acusou o governo

comunista de intencionar auferir vantagens econômicas e estratégicas importantes a fim de beneficiar suas empresas.

A SARS-COV-2 evidenciou de maneira espantosamente vivaz, a lógica capitalista que privilegia o mercado em detrimento das vidas. O “mantra” da morte foi a campanha publicitária difundida pela cidade italiana “*Milão não pode parar*”, resultando em um dos mais trágicos acontecimentos da pandemia na Europa, até então. Mas o fúnebre desfecho na Itália, não frustrou o governo brasileiro em aderir, ainda no mês de março, reproduzindo o lema tétrico veiculado em sua versão brasileira, ao “*O Brasil não pode parar!*”. Promovendo publicações nas redes sociais e incentivando jovens a deixarem a quarentena e voltarem ao trabalho, o presidente demonstrou-se comprometido com a agenda da morte, justificada pela alegação de cenário de “terra arrasada” em uma eventual economia pós-pandêmica, contribuindo para o genocídio de milhares de brasileiros. A fé inabalável no neoliberalismo demonstrada pelo ministro da economia, o *Chicago boy*<sup>1</sup> Paulo Guedes, pôde ser resumida, em cada um por si e o mercado regrado a todos, inclusive o próprio Estado, que só deve existir para servi-lo. No “mundo das fantasias distópicas” deificado por Guedes, não há oportunidade para as filhas das trabalhadoras domésticas visitarem o *Walt Disney World*. O ministro parece ter em mente única e exclusivamente a obsessão pela redução da dívida pública, custe o que custar, desfazendo-se do que resta de patrimônio público e do que mais for preciso, para aplacar o “apetite faminto do mercado financeiro”, fazendo minguar grande parte do orçamento das famílias brasileiras endividadas, e agora à mercê do novo vírus.

No âmbito dos meios de comunicação normalmente pouco se viu ou ouviu sobre as consequências do modo de produção utilitarista e as suas implicações socioambientais, como no caso do surgimento da pandemia da Covid-19. O discurso hegemônico da crise econômica levou de roldão qualquer outra discussão possível sobre o tema. Aparentemente escassas são as abordagens que propõem investigar o problema da lógica do crescimento econômico ilimitado e suas imbricações no surgimento da nova variante do

coronavírus. Entende-se que a pauta midiática neoliberal contribuiu com a visão parcial do problema sanitário, polarizado na aparente dicotomia entre salvar vidas ou a economia, excluindo do debate público as implicações entre políticas neoliberais, o modo de produção hegemônico, a degradação do meio ambiente e o aparecimento de novos riscos ao corpo social global. Admite-se assim, como hipótese deste estudo, que a matriz produtiva e política de crescimento econômico ilimitado, posta em marcha majoritariamente nas últimas décadas do século XX, colaborou centralmente na amplificação de novas doenças zoonóticas globais, como no caso da mais nova pandemia. O espantoso crescimento econômico chinês, motor principal do capitalismo mundial, só foi possível por um processo de profunda devastação socioambiental.

A metodologia empregada na investigação consistiu em leituras sobre as possíveis causas da pandemia do novo coronavírus, contextualizadas por narrativas de noticiários sobre fatos ocorridos pré-crise e durante a crise sanitária, discutidos dialeticamente sob a luz de um referencial teórico-epistemológico próprio das ciências sociais sobre o(s) neoliberalismo(s) e a teoria da acumulação e reprodução do capital, de Karl Marx. O objetivo principal, buscando engendrar aspectos político-econômicos às crises socioambientais, como a provocada pela doença da Covid-19, foi trazer ao debate novas perspectivas que contribuam para reflexões da realidade social, dissonantes ao discurso hegemônico midiático neoliberal, que reduziu a questão entre vidas ou a economia.

Além da introdução, o artigo está dividido em outras seis seções. A seguir, na segunda seção, apresenta-se o movimento histórico de acumulação capitalista como principal fator de desigualdades e injustiças socioambientais, dissimulado pelo discurso etnocêntrico persistente, que ganhou voz nas últimas décadas através do neoliberalismo, ensejando ganhos econômicos exorbitantes e acumulação, mesmo diante da grave crise sanitária. A terceira seção aprofunda a discussão entre neoliberalismo e etnocentrismo e os conflitos do capital com a milenar cultura chinesa, à luz

do caso dos “mercados molhados”. A quarta seção ilustra a relação entre o crescimento econômico chinês e seus impactos ao ambiente natural, articulando com resultados de estudos do *Environment Programme* da ONU<sup>2</sup>. Delineiam-se, na quinta seção, os possíveis desfechos da forma de organização social hegemônica e dos danos socioambientais apresentados e analisados no decorrer das seções anteriores. Na sexta e última seção apresentam-se as considerações do autor.

### **Os movimentos de acumulação do capital, o financeiro-rentismo e seus desdobramentos para o corpo social**

Segundo o economista Bresser-Pereira (2018), se no século XIX o modo de produção capitalista fora gerido pelos empresários donos dos meios de produção, na primeira metade do século XX, coube aos gerentes administrar as empresas. No período pós-guerra o capitalismo passou por novas transformações, incluindo sua passagem para o regime neoliberal, acentuada a partir da década de 1980. Ainda para o autor, o processo de acumulação do capital em sua etapa atual, ocorre majoritariamente em sua versão financeiro-rentista dos agentes do mercado especulativo associados aos financistas, consolidando-os como a nova classe dominante e rica. Classe dominante que, segundo Karl Marx, se vê forçada à acumulação, e, de acordo com as palavras do autor, “como capitalista ele é apenas capital personificado. Sua alma é a alma do capital. O capital tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se de criar mais-valia” (MARX, 1996, p.347).

O processo de financeirização pelo capital rentista e improdutivo, substitui a antiga relação entre empregador e empregado, colocando em seu lugar a condição de credor e endividado, como forma de imposição pela sujeição atuante no tempo e não mais no espaço da fábrica. Segundo o geógrafo David Harvey (2005), é necessário compreender na teoria de Marx a necessidade de expansão dos mercados mundiais como possibilidade para a acumulação do capital. Desta maneira, para Harvey (2005, p.50), “o

imperativo da acumulação implica conseqüentemente no imperativo da superação das barreiras espaciais”, principalmente pelo sistema de crédito permitindo o processo de acumulação capitalista.

No caso brasileiro, as reformas neoliberais trabalhistas e da previdência nos últimos anos, ferem garantias da Constituição Federal de 1988, passando a representar francamente os interesses do mercado e da acumulação do capital. O aumento do trabalho precarizado e a diminuição da rede de seguridade social desencadearam o alargamento da desigualdade social e a piora das já precárias condições de moradias dos mais pobres, fazendo do país o segundo lugar no indicador das maiores concentrações de renda no mundo, segundo relatório da ONU. Para Harvey (2005), o sistema econômico produz o espaço urbano priorizando o processo de acumulação do capital, relegando os marginalizados às áreas desurbanizadas das cidades, locais socioambientalmente fragilizados, próprios para disseminação de doenças pela ausência de saneamento básico como verificado pela nova realidade pandêmica.

Essa perversa forma de acumulação do capital, não pode ser refreada, nem diante da crise sanitária. Segundo a reportagem do *site* Nexo, intitulada *Por que os super-ricos ficaram ainda mais ricos na crise*, durante a pandemia do novo coronavírus os bilionários do Brasil e do restante da América Latina, ficaram 17% mais ricos em quatro meses, o equivalente a um crescimento de US\$ 48,2 bilhões, segundo dados da revista Forbes, analisados no período do dia 12 de março a 12 de julho. No caso dos 42 brasileiros, o aumento foi ainda maior: representando 27,6%, suas fortunas juntas passaram de US\$ 123,1 bilhões para US\$ 157,1 bilhões. Esse acréscimo de riqueza foi contabilizado levando-se em consideração todos os ativos que constituem o patrimônio desses bilionários, principalmente ações de empresas de capital aberto listadas em bolsas de valores.

Nos Estados Unidos da América a situação não foi diferente: o *think tank*<sup>3</sup> do *Institute for Policy Studies*, demonstrou que os bilionários dos EUA entre os dias 18 de março e 23 de julho aumentaram conjuntamente suas

fortunas em US\$ 755 bilhões, o que representa um crescimento de 25,6% das fortunas dos super-ricos daquele país. Ainda segundo a reportagem, o caso do super-rico Jeff Bezos, fundador e ex CEO<sup>4</sup> da empresa *Amazon*, considerado o homem mais rico do mundo, cuja fortuna tem origem na venda de suas ações no mercado, entre os dias 1º de janeiro e 24 de julho, seus papéis subiram 62,8% na bolsa de valores de Nova York. O CEO Elon Musk, das empresas Tesla e da *Space X*, dedicadas à produção de automóveis e de tecnologia de exploração espacial, teve suas ações da Tesla valorizadas em 10,8%, e em um único dia o patrimônio de Musk teve um acréscimo de mais US\$ 6 bilhões. Percebe-se que no neoliberalismo o capital movimenta-se cada vez mais livre, desprende-se da mercadoria para reproduzir-se, desvanecendo assim a necessidade de sua versão produtiva para a acumulação do patrimônio dos super-ricos. É dinheiro produzindo dinheiro e assumindo condição de mais valiosa entre todas as mercadorias. Por sua vez, do outro lado da moeda, assiste-se a um aumento assustador da exclusão pela redução dos níveis de emprego e a precarização das classes baixas.

Na principal modalidade de acumulação atual, a do capital fictício, os sonhos dos grandes rentistas representam o pesadelo dos outros 99%. O embate entre o capital e o corpo social alcança proporções desumanas, frente à irrefreável “maquinaria de guerra” posta em marcha. De acordo com Lazzarato (2017), a relação entre guerra e necropolítica<sup>5</sup> ou tanatopolítica não podem ser desconsideradas na análise dos fenômenos contemporâneos, principalmente após o ano de 2008. A crise dos *subprimes* coincidiu com o avanço do neoliberalismo em termos globais e a escalada do fascismo. A eleição de políticos da extrema direita como Donald Trump, Viktor Orbán, Jair Messias Bolsonaro, o Brexit e os movimentos separatistas como os da Catalunha, podem ser compreendidos segundo o autor, como efeitos das crescentes tensões sociais e políticas, se desdobrando em diferentes graus de conflitos, tendo em comum uma raiz conservadora e nacionalista.

Entende-se que o fenômeno da financeirização econômica desvelou o agravamento da fratura na relação espaço-temporal que oportuniza o despreendimento da realidade social, através da generalização da miséria, concomitante ao fenômeno do aumento dos lucros de agentes do mercado financeiro-rentista. A necessidade de acumulação do capital, em especial do capital fictício, se dá no universo neoliberal ao qual estamos todos submetidos, cosmos despregado das agruras e mazelas cotidianas, exacerbadas à maior parte das populações da periferia do capitalismo pelo novo contexto pandêmico. A implantação pela via dos Estados-nações da institucionalização de políticas neoliberais, em prol do capital, retira liberdades democráticas e busca impedir movimentos reativos, tornando-o virtualmente uma ameaça à democracia em vista da observável ascensão do neofascismo e dos impactos talvez já não mais reversíveis ao meio ambiente (LAZZARATO, 2017).

Os efeitos prejudiciais também se fazem sentir no campo ambiental. Estudos dedicados ao assunto indicam não se tratar de mera coincidência a aceleração do ritmo de destruição da natureza, observada ainda na década de 1970, com o avanço das políticas neoliberais pelo planeta (MAGNELLI, Et al, 2020). A lógica da acumulação capitalista arremete sobre territórios dos povos originários colocando seus costumes e modos de vida em risco. O movimento da história irrompido no alvorecer desta nova forma de relação social, gestada entre os séculos XVIII e XIX, durante a Revolução Industrial, continua assaltando novas regiões planetárias. A narrativa do desenvolvimento e do progresso, a partir das nações do capitalismo central, justificou inúmeras barbáries, consolidou a formação dos impérios europeus, erigidos em trabalho escravo e em outras formas de espoliação, por meio de violências físicas e simbólicas impetradas aos demais continentes colonizados.

A visão teleológica de progresso e de modernidade, como um fim em si mesmo, herança do ideal positivista europeu, contribuiu no passado para a marcha do capitalismo, e em sua versão atual, assume feições neoliberais dependentes da lógica de produção e reprodução crescentemente financeirizada do mercado, implicando em novos riscos socioambientais,



oportunizados pelo crescente processo de mundialização do capital e viabilizado por avanços na área da tecnologia de informação.

Percebe-se que a combinação entre conhecimento tecnocientífico e capitalismo, fundaram a modernidade aos moldes das nações líderes deste processo da história e que esta relação encontra-se ainda em curso, produzindo seus efeitos sociambientais na contemporaneidade. Uma ideologia neoliberal que se pretende homogeneizante carrega em si mesma traços de um etnocentrismo<sup>6</sup> que oblitera costumes milenares por um projeto político-econômico que produz profundas transformações, conforme será abordado na seção seguinte, destinada à análise do caso da origem da pandemia do novo vírus SARS-COV-2.

### **A cultura chinesa dos “mercados molhados” e o conflito etnocêntrico com um capitalismo neoliberal homogeneizante**

Recupera-se da antropologia o conceito de etnocentrismo como chave para a compreensão das dinâmicas sociais que permitem os processos de acumulação e reprodução do capital, sob a égide de um discurso neoliberal homogeneizante. Segundo o texto *O que é neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais* (ANDRADE, 2019), investiga-se o neoliberalismo com maior exatidão, destituindo-o de um significado normalmente abrangente e impreciso, comumente utilizado indiscriminadamente, e não raro como sinônimo de políticas de austeridade fiscal, privatizações e talvez com o maior equívoco sobre o conceito ao referir-se ao recuo das atribuições do Estado e seu encolhimento à condição mínima.

Andrade (2019), investigando a genealogia do neoliberalismo recorre a economistas de diferentes escolas, como a Ordoliberal alemã, de Freiburg, a austríaca, a de Chicago e a de integrantes da *London School of Economics* e *Manchester School* que “compartilhavam a mesma utopia de livre mercado” (ANDRADE, 2019, p.211), mas para o autor, foi somente a partir das reformas liberalizantes no Chile, no governo do presidente Augusto Pinochet no ano de

1978, que o neoliberalismo passou a ser entendido como sinônimo de medidas de desmantelamento do Estado de bem-estar social, juntamente com ações de desregulamentação das atividades econômicas. Dessa maneira, pouco a pouco, o termo deixou o campo do discurso econômico e se inseriu no vocabulário de seus críticos, conferindo paralelamente uma conotação ampla e imprecisa, segundo o autor.

No campo acadêmico, cientistas sociais se debruçaram na investigação das características do neoliberalismo, a exemplo de autores como Pierre Bourdieu, Loïc Wacquant, Michel Foucault e David Harvey e em diferentes linhas teórico sociológicas: a foucaultiana, a marxista, a bordieusiana, a weberiana, a pós-colonialista, a neorregulacionista e a do hibridismo governamental. A interpretação foucaultiana do neoliberalismo, segundo Andrade (2019), consiste em verificar como os instrumentos estatais orientam o comportamento dos indivíduos na promoção do autogoverno e na resignação às normas. Na abordagem estrutural marxista, a exemplo de David Harvey, os métodos atuais do regime neoliberal implicam basicamente em privatização e mercadização, financialização, administração e manipulação de crises e redistribuições via Estado.

Por seu expediente, na aproximação bourdieusiana de neoliberalismo, a política deve ser arrefecida para que permita sua submissão aos mercados financeiros mundiais retirando regulações que impeçam a maximização dos ganhos, em uma espécie de “máquina lógica”. O pensamento econômico se difunde por diferentes contextos, assumindo a condição de uma racionalidade geral. Assim, para o autor, os efeitos desse pensamento derivam em sofrimento, desigualdade, desaparecimento dos universos autônomos de produção cultural, destruição das instituições coletivas e darwinismo moral.

Na interpretação Weberiana, segundo Andrade (2019), o autor William Davies define neoliberalismo “como a busca do desencantamento da política pela economia” (ANDRADE, 2019, p.228). Esse desencantamento operaria através de uma moral implícita da ética baseada na racionalidade econômica, mesmo que não encontre evidências empíricas que a legitime

(ANDRADE, 2019). O autor identifica outro conjunto de intelectuais que se detém na “diversidade dos processos de neoliberalização que se engajam em dinamismos locais” (ANDRADE, 2019, p. 230), dentre os quais estão as definições pós-colonialista, hibridismo governamental e a neorregulacionista.

Na argumentação teórica pós-colonialista não se considera o processo neoliberal como uma generalização, devendo ser estudadas as realidades locais e particularidades dos países periféricos. Diante disso, para Goldstein, “os neoliberalismos não são apenas instâncias variadas de ideais globais, mas realidades plenamente vividas nas quais as pessoas e os Estados possuem suas próprias teorias” (ANDRADE, 2019, p.230). Na definição do hibridismo governamental, “O neoliberalismo é caracterizado pela gestão de si via cálculo econômico nas diferentes esferas da vida, reforçando a autorresponsabilização dos indivíduos” (ANDRADE, 2019, p.231). Na alusão neorregulacionista de Jamie Peck, o neoliberalismo possui uma visão utópica de uma sociedade de mercado autorregulável, configurando-o como experimentador e falível, permitindo que diante das crises sempre se permita acusar o Estado pelas falhas em seus projetos, o que lhe escusa a cometer novos erros futuros, redundando em um contínuo processo de reestruturação regulatório por parte do Estado (ANDRADE, 2019).

A partir destas considerações sobre as diversas concepções de neoliberalismo, colocam-se em discussão os “mercados molhados” chineses. Exemplo recente de imposição da modernidade sobre costumes milenares, o etnocentrismo ocidental, corroborou com a teoria da provável origem da pandemia do SARS-COV-2, atribuída ao hábito chinês do consumo de alimentos dos mercados de produtos frescos, mais especificamente o localizado na cidade de Wuhan. Este é apenas mais um entre a grande quantidade existente em diversas localidades daquele país e representa a principal fonte de alimentos acessível à população fazendo parte de uma tradição milenar. A possibilidade da origem do novo coronavírus no mercado daquela cidade depositou uma crescente pressão internacional sobre o

governo chinês, após a notícia da sua reabertura ainda no mês de abril do ano de 2020.

Representantes de governos neoliberais, como dos Estados Unidos da América e da Austrália, além de autoridades científicas da área da Saúde, reivindicaram à Organização Mundial de Saúde (OMS), que se posicionasse favoravelmente ao encerramento dessa forma tradicional de comércio de alimentos. Mas, a solução não foi aparentemente tão simples, pois trata-se do principal sistema de distribuição de alimentos do país. Estima-se que existam atualmente ao menos 1.000 mercados somente em Xangai, nos grandes centros e no interior, superando inclusive a compra de alimentos em supermercados ao estilo do Ocidente. A investida por parte do governo comunista de substituição no passado das feiras pela forma ocidentalizada fracassou. Ao invés disso, os mercados continuam em funcionamento oferecendo alimentos frescos a preços mais acessíveis, fazendo parte da vida social caracterizada pelo relacionamento mais próximo entre produtores e consumidores. Os produtos comercializados trazem vantagens nutritivas, sendo mais saudáveis para as crianças, quando comparados aos industrializados, sabidamente fontes em excesso de sódio e açúcar.

Aparentemente o problema está na introdução do comércio de animais silvestres proibidos, utilizados na alimentação e como ingredientes da medicina chinesa, o que representa um desafio à fiscalização. Somente no ano de 2017, estima-se que o comércio desses animais tenha representado em torno de 73 bilhões de dólares a economia chinesa. Segundo a organização não-governamental WWF, a solução passaria pela necessária desarticulação de redes de tráfico, impedindo o uso insustentável de animais ameaçados de extinção. Sendo assim, a partir do caso dos “mercados molhados” chineses, como é possível verificar as relações entre racionalidade neoliberal, etnocentrismo, degradação ambiental e a crise da pandemia do novo coronavírus? O que a análise deste caso pode contribuir na compreensão da lógica político-econômica posta em marcha ao final da década de 1970 e que,

de lá para cá, só fez sentir ainda mais seus efeitos, não importando em que parte do globo se esteja?

Uma interpretação permite compreender que o neoliberalismo de mercado visa à homogeneização cultural através da imposição da hegemonia econômica e política pela imposição do império da racionalidade econômica generalizada, conforme a análise de Bourdieu (ANDRADE, 2019). O caso dos “mercados molhados” chineses revela a reiteração do processo de homogeneização pela tentativa de extinção de tais formas de comércio milenares pré-capitalistas, furtando-se do controle do comércio ilegal de animais silvestres, conforme denunciado pela organização ambiental WWF, assim como das políticas de preservação ambiental que aparentemente não interessam ao mercado. Desconsidera-se que o tráfico ilegal de animais pode representar uma importante fonte de renda para os milhares de excluídos do processo de acumulação capitalista, constituindo-se como um subproduto marginal e efeito colateral das políticas neoliberais postas em prática globalmente.

A partir das reflexões, propõe-se a analogia do neoliberalismo, ao da figura de uma Quimera, a besta mitológica da Ásia Menor, descrita como a combinação heterogênea, resultado de uma fusão incongruente entre a cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente. Essa característica de natureza simbiótica representa um desafio na busca de um consenso em sua definição, fazendo-nos pensar em neoliberalismos, assentado em pluralidade e amorfismo contingente e conveniente aos interesses de reprodução do capital, mesmo que para isso seja necessária a destruição ambiental em escala global, como será abordado na seção seguinte. O neoliberalismo, portanto, não se importa em provocar sofrimento e desigualdade, desde que perpetue o processo de ampliação *ad infinitum*<sup>7</sup> do capital.

## **O crescimento econômico ilimitado e a degradação ambiental global: o relatório do *Environment Programme* da ONU**

Como referido anteriormente, a aceleração do ritmo de destruição ambiental na década de 1970, pode ser compreendida pela política hegemônica de crescimento econômico ilimitado. Dessa forma, para além dos “mercados molhados” pretende-se uma análise mais acurada dos impactos da degradação ambiental no caso chinês. As impressionantes taxas de crescimento nos últimos dez anos daquele país, como se sabe, alavancaram a economia mundial, mas, de acordo com Judith Shapiro, foram responsáveis pelos maiores níveis de emissões totais de carbono do mundo, mesmo quando considerada a quantidade *per capita*.

O rol de impactos ao meio ambiente inclui o aumento do ciclo da estiagem, inundações, tufões, perigo do aumento do nível do mar às cidades de Shangai e Guangzhou e por fim, o risco de derretimento das geleiras do Himalaia, elevando os aquíferos do norte da China e forçando o deslocamento de centenas de pessoas. Reportagem publicada no *site* do periódico *El País*, assinada por Macarena Vidal Liy, reitera que um dos grandes desafios no futuro é conciliar crescimento com preservação ambiental, solucionando o problema da poluição. Segundo a reportagem, a construção de represas e minas, como as das montanhas de Qilian e de Muli, promoveu o aumento da poluição pela extração em minas de carvão. A repórter menciona relatórios científicos chineses que identificaram a antecipação da primavera em uma semana na região de Sanheyuan, local nascedouro dos rios Amarelo, Yangtzé e Mekong, de onde provém grande parte da água de países asiáticos. As aspirações chinesas em se tornar a grande nação do século XXI, recorda seu passado de grande império, no período compreendido entre as dinastias de Qin e Quing.

A Revolução Chinesa, liderada por Mao Tse-tung no ano de 1949, lançou as bases para a transformação de uma economia até então predominantemente agrária. Seu sucessor, Deng Xiaoping, foi responsável

pela “segunda revolução”, implementando a economia de mercado socialista através de reformas econômicas de aberturas a empresas estrangeiras, ainda no final da década de 1970. Atualmente o país desponta como principal candidato à nova potência mundial, de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em seu relatório do ano de 2019. Estima-se que no período compreendido entre os anos de 2018 a 2023, sua taxa de câmbio corresponderá a 26% do crescimento mundial enquanto os Estados Unidos da América e a União Européia responderão por 17%, constatação que se deve ao fato de que a contribuição total do país asiático deverá ser 50% maior que dos EUA ou da UE, para o crescimento mundial.

A expansão econômica chinesa representou também a ampliação de suas atividades globais. Somente na América Latina até o ano de 2015, houve um aporte de mais de US\$ 120 bilhões, conforme Robert Soutar, com prejuízos ao meio ambiente. Segundo o *site Open Democracy* a pesquisa publicada por especialistas argentinos, peruanos e dos Estados Unidos da América relacionou o aumento das atividades comerciais ao longo da última década, com os impactos ambientais no continente latino americano.

As atividades chinesas em setores agrícolas e extrativistas têm escasseado recursos hídricos aumentando o desmatamento e as emissões de gases do efeito estufa, de acordo com o *site*. A alta dos preços das *commodities* no mercado internacional estimulou diversos países da região a adotarem políticas econômicas de exportação de produtos como petróleo, gás natural, cobre e soja, permitindo *superávits* em alguns desses países, em contrapartida aumentando a degradação ambiental de seus ecossistemas. O caso brasileiro do governo do atual presidente é um exemplo disso, aliado do agronegócio e da conhecida “bancada do boi”<sup>8</sup> no Congresso Nacional. A mencionada aliança política tem provocado resultados nefastos ao meio ambiente colocando em ameaça qualquer tentativa de preservação ambiental, em prol do contínuo crescimento econômico que promove queimadas na Floresta Amazônica e no Pantanal Mato-grossense, a fim de permitir o avanço das frentes de expansão agropastoril nos país.

A política econômica brasileira de exportação de produtos agrícolas destina à China 82% de toda a produção de soja brasileira, o que exige uma crescente demanda por recursos hídricos, aplicação de métodos mais intensivos, cultivo de alimentos geneticamente modificados e a utilização de pesticidas mais agressivos. Os movimentos por justiça ambiental<sup>9</sup> denunciam as políticas ambientais chinesas e de outros países ricos, por exportarem as atividades poluentes para os continentes da África, do Sudeste Asiático e da América Latina. De acordo com Judith Shapiro, trata-se da mentalidade conhecida por “Nimby”<sup>10</sup>, amplamente empregada pelos países centrais, quando pressionados a apresentarem melhores índices de desempenho ambiental dentro de seus territórios, fazendo-os destinar suas atividades amplamente poluentes à periferia do capitalismo mundial, reforçando a nova divisão internacional do trabalho.

O relatório publicado pela ONU em seu *Environment Programme* indica que a ascensão de doenças transmitidas de animais para humanos aumentou à medida que as atividades econômicas destroem os *habitats* ainda selvagens, incentivando processos evolutivos mais rápidos, em vista que os patógenos se espalham facilmente para o gado e os seres humanos. Nos últimos cinquenta anos diversas doenças infecciosas zoonóticas se espalharam após saltar de animais para humanos. Foi assim com o HIV/AIDS nos anos 1980, hospedeira de grandes símios, a gripe aviária de 2004-07 e a gripe suína de 2009, a SARS causada por um vírus do tipo corona, proveniente dos morcegos, assim como o Ebola. A maioria dos animais possui uma quantidade de bactérias e vírus que potencialmente podem provocar doenças. A sobrevivência evolutiva do patógeno depende da infecção de novos hospedeiros, sendo necessária a transmissão a novas espécies.

As mudanças ambientais e climáticas alteram o *habitat* das espécies selvagens influenciando a maneira como vivem e suas cadeias alimentares. Dessa forma, doenças infecciosas zoonóticas estão demonstrando serem cada vez mais recorrentes e um sintoma de que a globalização está transformando



o mundo no qual o risco biológico passa a fazer parte das novas ameaças possíveis em um horizonte próximo.

O relatório do *Environment Programme* denuncia os elos entre a política do crescimento econômico ilimitado e o rol dos novos danos socioambientais, inclusive do potencial aumento do risco de novas doenças tornarem-se pandemias em um horizonte próximo. A seção seguinte apresenta um exercício teórico sobre os possíveis reflexos, a médio e curto prazo, à forma de organização social e os danos socioambientais discutidos no decorrer do presente artigo.

### **O recrudescimento no horizonte da espécie humana: superação ou extinção?**

No cenário pandêmico atual ou de um futuro próximo, quais poderão ser as implicações ao corpo social planetário? Em vista do exposto, e de reflexões sobre *Como o capitalismo irá acabar? Ensaio sobre um sistema em falência* (2016) do sociólogo alemão Wolfgang Streeck, ocupar-se-á a seguir dos possíveis desdobramentos do crescente cenário de riscos socioambientais e da organização social, político e econômica vigente.

Streeck (2016), embasado nas obras de representantes de diferentes correntes de pensamento econômico, como Marx e Engels, David Ricardo, Mill, Sombart, Keynes, Hilferding, Polanyi e Schumpeter, retorna à ideia do capitalismo como um sistema em permanente crise, propondo um *revival*<sup>11</sup> do tema, a partir de reflexões sobre seus possíveis fins na interpretação de autores contemporâneos como Imanuel Wallerstein, Randall Collins, Michael Mann, Georgi Derluguian e Craig Calhoun.

Segundo Streeck (2016), as contradições internas do capitalismo devem ser superadas, a fim de impedir seu possível iminente colapso. Dessa maneira, salienta o autor, o capitalismo deverá continuar ensejando os indivíduos a trabalharem com empenho para os donos dos meios de produção, em uma elaboração que exige astúcia e poder de persuasão por parte do

sistema. Nesse sentido, entra em jogo o medo como um dos fatores determinantes da dinâmica de dissuadir os sujeitos a aceitarem a lógica que distribui desigualmente a riqueza, produz diferentes formas de injustiças e por fim legitima uma ordem social em que continuar trabalhando representa risco de morte em meio à pandemia da COVID-19.

O medo de perder o emprego pela escassez e precarização, resultante das políticas capitalistas neoliberais, expropria dos trabalhadores seus direitos, atomiza os sujeitos e instala uma realidade de insegurança social generalizada, operando como uma ferramenta de consecução da manutenção do controle social do ponto de vista da economia. Sabe-se que o exército de mão de obra de reserva historicamente foi uma forma de manter os baixos salários e de elevar a rentabilidade na extração do mais-valor nas relações de trabalho, proporcionando a acumulação da riqueza. Este regime se adapta às condições hostis e talvez por isso tenha sobrevivido até o momento e prosperado indiferentemente às crises com as quais se deparou ao longo da história. Desde as lutas socialistas e comunistas, a Grande Depressão, a Crise do petróleo da década de 1970 e a crise financeira de 2007-2008, conhecida como Crise dos *subprimes*, precipitada pela falência do banco de investimento Lehman Brothers.

Superando entraves históricos à reprodução do capital, como a resistência da classe trabalhadora em ser explorada, a superprodução pelo sistema *Just in Time*<sup>12</sup> e a crise ambiental pelo conceito de desenvolvimento sustentável, o processo de financeirização econômico segue prosperando, conforme já aludido anteriormente, mas permite-se uma última pergunta: as contradições promovidas pelo pensamento neoliberal generalizado pavimentam o caminho da próxima crise sistêmica?

No horizonte político brasileiro, avista-se como possível saída da crise, o aprofundamento das políticas neoliberais, redundando em maior austeridade fiscal das contas do governo. Contraditoriamente, o neoliberalismo acarreta exclusão e acumulação elevando a riqueza dos poucos e a miséria para um amplo e crescente espectro social, como indica a

organização Oxfam em seus relatórios que denunciam o aumento substancial da desigualdade econômica no mundo e a elevação da concentração da riqueza, enquanto milhões carecem de condições básicas de vida em nível mundial.

Dessa forma, vislumbram-se dois limites ao modo de produção capitalista e ao(s) neoliberalismo(s): o ambiental – no qual o planeta não pode continuar como um mantenedor de recursos naturais necessários para extração e manutenção de um regime produtivo baseado em consumo ilimitado, mirando a perpetuação do crescimento econômico contínuo e da acumulação; e o limite socioeconômico – devido à ampliação do contingente de excluídos, permanentemente espoliados e incapazes de consumir por conta do aumento do desemprego, dos rendimentos insuficientes e pelo avanço tecnológico, que extingue postos de trabalho, justamente daqueles com menor capacitação, em um mercado cada vez mais exigente e competitivo.

Há ainda outro recurso importante à dinâmica do capital (STREECK, 2016), qual seja, a aliança da ciência e tecnologia com a sociedade moderna. Somente com o emprego das máquinas foi possível ampliar a escala de produção de mercadorias, como nunca antes na história, reduziram-se despesas com mão de obra e aumentaram-se os lucros. Passados mais de um século, a associação tecnocientífica e o capitalismo estreitam laços. As relações laborais continuam sendo destruídas e reconstruídas pelo desenvolvimento da tecnologia, vide as mudanças provocadas pelo surgimento de novos dispositivos de comunicação. *Os smartphones* concorrem sensivelmente para as mudanças nas relações trabalhistas, a exemplo, da criação dos motoristas de aplicativos precarizados.

A própria política neoliberal poderá entrar em cheque, uma vez que “o remédio amargo para uma nova crise, em algum momento, poderá tornar-se impalatável” a um amplo conjunto da sociedade. A crise econômica e ambiental agravada pela nova pandemia da COVID-19, ou uma nova crise sanitária de maiores proporções poderá contribuir para ruptura da sociedade com o regime capitalista neoliberal. Um possível fim para o capitalismo de

acordo com Randall Collins (STREECK, 2016), poderia ser a conciliação com ideais socialistas, em uma forma de superação, a partir de algum processo de revolução, uma vez que o sistema se encontra sem mais seus escapes ao desemprego estrutural irreversível da era da inteligência artificial, em um futuro não muito distante, ou quem sabe ainda, provocado pela crise ambiental do aquecimento global ou pelo agravamento de novas pandemias.

Nesse momento continua oportuna a indagação provocativa apresentada por Simmel (NEIBURG, 2020) em a *Filosofia do dinheiro*, de como valorar a vida em dinheiro? O capitalismo através de sua racionalidade econômica neoliberal aparentemente encontrou um jeito, tornando evidente que nem a perda de quase dois milhões de almas, até este momento da pandemia da COVID-19, foi incapaz de refrear seu mórbido impulso de acumulação e reprodução.

## **Considerações finais**

O contexto da pandemia deflagrou uma crise sanitária com resultados ainda não totalmente previsíveis ao corpo social global, podendo inclusive contribuir para a escalada de uma nova Guerra Fria, reeditada na competição política e econômica entre os governos da China e dos Estados Unidos da América, lembrando, que o capitalismo não é um sistema caracterizado somente por suas contradições, mas também por produzir conflitos.

Qual discurso até o presente momento e provavelmente no futuro da pós-pandemia será vitorioso? O que se avista no cenário brasileiro é que aparentemente a narrativa do senso comum do mercado e do capitalismo neoliberal, por ora, continua inabalável. E os presidentes das nações como o Brasil e os Estados Unidos, que até o momento lidaram de maneira mais desastrosa com a pandemia, poderão entrar para história diante de suas políticas negacionistas quanto à gravidade do problema sanitário e político.

Entende-se que a análise mais ampla, de engenharia reversa sobre o neoliberalismo, pôde contribuir à compreensão do fenômeno do surgimento da COVID-19, quando analisado conjuntamente, a partir das esferas da produção, da natureza e da organização social. Diante o exposto, depreende-se que os custos socioambientais podem ser por demais elevados, quer seja, pelo surgimento desta e de novas pandemias ou pelo aumento na frequência destes eventos globais, escalonando o nível do perigo sanitário global, para além dos demais riscos ambientais já instaurados.

A partir das leituras e reflexões do artigo, reforça-se a hipótese inicial que a política econômica neoliberal organiza e rege a sociedade priorizando o constante processo de acumulação e reprodução do capital, enquanto desconsidera os ciclos necessários para a reprodução da vida. Neste panorama, parece necessário que em algum momento no horizonte da existência da espécie humana será imprescindível superá-lo, restando saber quando e de que maneira se desencadeará este novo processo histórico, sob pena de a manutenção da vida humana a qual conhecemos tornar-se insustentável.

Um passo na construção dessa nova realidade poderá ser aquele das correntes que pensam modelos alternativos ao crescimento econômico ilimitado, como os chamados movimentos de “decrecimento”, no qual o bem-estar humano não está atrelado ao modo de produção capitalista e de sua prosperidade, mas na redistribuição do espaço ambiental e dos recursos do planeta entre os países.

**Alexandre Silveira Vergara** é graduado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas (2003). Mestre e doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPel).

Contato: [alexandrevergara@yahoo.com.br](mailto:alexandrevergara@yahoo.com.br)

Artigo recebido em: 19-01-2021

Aprovado em: 08-02-2021

Como citar este texto: VERGARA, Alexandre Silveira. A pandemia da COVID-19: implicações entre a degradação ambiental, neoliberalismo e os movimentos de acumulação do capital. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 06, nº 01, p. 53-77, 2020.

## Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. Entre Deus e o diabo mercados e interação humana nas ciências sociais. **Tempo Social**, v. 16, n. 2, 2004.
- ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do A.; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- ANDRADE, Daniel. O que é neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n. 1, 2019.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Em busca do desenvolvimento perdido**. Rio de Janeiro: FGV, 2018.
- CARVALHO, J.C.P. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. **Interface**, Botucatu, v. 1, n.1, p. 181-186, 1997.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- LAZZARATO, Maurizio. **A era do homem endividado e a financeirização como forma contemporânea de guerra**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572884-a-era-do-homem-endividado-e-a-financeirizacao-como-forma-de-guerra>>. Acesso em: 27/07/2020.
- MARX, Karl. **O Capital**. Vol.1. São Paulo: Nov Cultural, 1996.
- MAGNELLI, André; *Et al.* Para superar o divórcio entre economia e sociedade: diagnóstico crítico e notas propositivas em um contexto de pandemia. **Revista NAU Social**, v.11, n. 20, p. 167-184. 2020
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. N-1 edições, 2018.
- NEIBURG, Federico. **Vidas, economia e emergência**. Boletim nº 22. Ciências Sociais e Coronavírus, 16 de abril de 2020.
- STREECK, Wolfgang. **Como o capitalismo irá acabar? Ensaio sobre um sistema em falência**. Verso Books, 2016. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2020/04/16/como-o-capitalismo-ira-acabar-introducao-por-wolfgang-streeck/>>. Acesso em: 04/08/2020.
- A poluição atinge até o paraíso mais remoto da China. Luta contra a degradação ambiental é uma prioridade na agenda do partido comunista**. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/15/internacional/1508060128\\_923609.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/15/internacional/1508060128_923609.html)>. Acesso em: 05/08/2020.
- Brasil tem segunda maior concentração de renda do mundo**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/09/brasil-tem->

segunda-maior-concentracao-de-renda-do-mundo-diz-relatorio-da-onu.ghml>. Acesso em: 28/07/2020

**China é “forte promotora” da degradação ambiental na América Latina.** Disponível em:

<<https://www.opendemocracy.net/pt/china-forte-promotora-da-degrada-o-ambiental-na-am-rica-latina/>>. Acesso em: 05/08/2020.

**Coronavírus: China sob pressão após reabrir mercados de produtos frescos.** Disponível em: <<veja.abril.com.br/mundo/coronavirus-china/-sob-pressao-após-rabrir-mercados-de-produtos-frescos/>>. Acesso em: 06/08/2020.

**Coronavírus: porque os humanos estão pegando mais doenças transmitidas por animais?** Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/01/31/coronavirus-por-que-humanos-estao-pegando-mais-doencas-transmitidas-por-animais.htm>>. Acesso em: 06/08/2020.

**Degradação ambiental e novo vírus, correlação para pensar.** Disponível em: <<https://marsemfim.com.br/degradacao-ambiental-e-novo-virus-correlacao-pra-pensar/>>. Acesso em: 07/08/2020.

**Os desafios ambientais da China.** Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/pt/5224-os-desafios-ambientais-da-china/>>. Acesso em: 04/08/2020.

**Os planos da China para um crescimento verde.** Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Mae-Terra/Os-planos-da-China-para-um-crescimento-verde/3/43700>>. Acesso em: 04/08/2020.

**Porque os super ricos ficaram ainda mais ricos na crise.** Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/07/27/Por-que-os-super-ricos-ficaram-ainda-mais-ricos-na-crise>. Acesso em: 29/07/2020.

---

<sup>1</sup> Grupo de jovens economistas que formularam a política econômica da ditadura chilena do general Augusto Pinochet. Foram pioneiros do pensamento liberal.

<sup>2</sup> Programa da Organização das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Disponível em: <<https://marsemfim.com.br/degradacao-ambiental-e-novo-virus-correlacao-pra-pensar/>>.

<sup>3</sup> Instituições ou organizações dedicadas a produzir e difundir conhecimento sobre temas políticos, econômicos ou científicos.

<sup>4</sup> Sigla em inglês para Chief Executive Officer equivalente ao Diretor geral ou presidente da empresa é o cargo que está no topo da hierarquia operacional. Disponível em: <<https://www.catho.com.br/empresa-em-foco/ceo-cfo-cio-cmo-voce-sabe-o-significado/>>. Acesso em: 30/07/2020.

<sup>5</sup> É a capacidade do poder de soberania dos Estados-nações em ditar quem pode viver e quem deve morrer. “Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder” (MBEMBE, 2018, p.5).



---

<sup>6</sup> O etnocentrismo consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas “diferentes”. De fato, trata-se de uma violência que, historicamente, não só concretizou por meio da violência física contida nas diversas formas de colonialismos, mas, sobretudo, disfarçadamente por meio daquilo que Pierre Bourdieu chama “violência simbólica”, que é o “colonialismo cognitivo” na antropologia de De Martino. (CARVALHO, J.C.P, 1997).

Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32831997000200014](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831997000200014). Acesso em: 30/01/2021.

<sup>7</sup> Locução adjetiva Sem fim; que não tem limite; interminável.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ad-infinitum/>. Acesso em: 17/12/2020.

<sup>8</sup> Trata-se da bancada ruralista, constituída por uma frente parlamentar que age na defesa dos interesses dos proprietários rurais e que juntamente com a bancada armamentista e a evangélica no Congresso Nacional representam as agendas das bancadas à direita e do conservadorismo brasileiro.

<sup>9</sup> Para designar esse fenômeno de imposição desproporcional dos riscos ambientais A populações menos dotadas de recursos financeiros, políticos e informacionais, tem sido consagrado o termo injustiça ambiental. Como contraponto, cunhou-se a noção de justiça ambiental para denominar um quadro de vida futuro no qual essa dimensão ambiental de injustiça venha a ser superada (ACSELRAD et al., 2009, p.9) O que é justiça ambiental. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

<sup>10</sup> Acrônimo em língua inglesa para *not in my backyard*, ou não no meu quintal.

<sup>11</sup> Ressurgência de um movimento, uma moda, um costume, um estilo, um estado de espírito etc. do passado.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/revival/>. Acesso em: 20/12/2020.

<sup>12</sup> O *Just in Time* é um sistema para administrar produções. Ele se baseia na ideia de que nenhum produto deve ser produzido, transportado ou até mesmo comprado antes do tempo certo. Em inglês esse termo significa, de maneira literal, a expressão “na hora certa”. O *Just in Time* pode ser aplicado em qualquer empresa e ajuda a reduzir estoques e também custos com processos.